

# **Seria cômico se não fosse trágico: problemas com o português nas redações de alunos do Ensino Médio**

*It would be comical if not tragic: problems with the Portuguese in the essays of students in high school*

Aíla Maria Leite Sampaio\*

## **Resumo**

Mostramos, neste artigo, as transgressões mais comuns nas produções de textos de candidatos inscritos no vestibular de universidades privadas de Fortaleza e fazemos uma reflexão sobre a gravidade do problema que se avulta a cada ano, impulsionado por fatores vários, como a linguagem reducionista do mundo virtual, o equívoco metodológico de gramáticas, professores e escolas, além da omissão da própria família. Os problemas relativos à utilização da língua portuguesa, tanto nas redações de concursos vestibulares como do ENEM, estão cada vez mais banalizados, virando motivo de piadas na Internet e na TV, sem que sejam tomadas medidas efetivas para que se mude esse quadro. A falta de investimento no ensino da língua materna trará sérios prejuízos, a médio prazo, pois, despreparados, os jovens podem até conquistar um certificado de graduação, mas não terão o diferencial decisivo para enfrentar a competitividade, adquirir cultura e ser criativo, requisitos essenciais ao desenvolvimento individual e profissional.

**Palavras-chave:** Língua Portuguesa. Textos. Linguagem.

## **Abstract**

We show in this study, the most common transgressions in the production of documents of candidates included in the vestibular of private universities in Fortaleza and do a reflection on the seriousness of the problem that grow every year, driven by several factors, such as the reductionist language of the world virtual, the methodological mistake in grammar, teachers and schools, besides the omission of his family. The problems regarding the use of Portuguese Language both in writing contests and

---

\* Especialista em Língua portuguesa, mestra em Literatura. Coordenadora do Curso de Letras da UNIFOR, professora dos cursos de Jornalismo, Publicidade, Audiovisual, e editora da Revista de Humanidades. E-mail: ailasampaio@unifor.br

the vestibular ENEM are increasingly trivialized, becoming cause for jokes on the Internet and on TV, without effective measures to be taken to change this picture. This lack of investment in education of the mother tongue will bring serious damage in the medium term, therefore, unprepared, young people can earn up to a certificate of graduation, but will not be the decisive difference to face competition, acquire culture and be creative, essential individual and professional development.

**Keywords:** Portuguese language. Texts. Language.

## Introdução

Os problemas com o uso da língua portuguesa, nas redações curriculares e nas de exames como ENEM e Concurso Vestibular, já viraram piada de programa de humor. Quantas risadas provocam! Nada temos conta o riso, mas, nesse contexto, afirmamos que ‘seria cômico se não fosse trágico’. Estamos todos rindo de uma tragédia subestimada, que está tomando grandes proporções e articulando consequências terríveis na nossa vida. Sim, esses erros absurdos são cometidos por jovens do Ensino Médio que estão adentrando os cursos universitários, colando grau e atuando no mercado de trabalho. A que tipo de profissional entregaremos o nosso futuro?

O governo anuncia projetos de leitura, os colégios dão listas enormes de livros para serem lidos durante o ano letivo, os cursinhos criam laboratórios de redação, passam ‘fórmulas’, mas, na maioria dos casos, nada muda. Para se escrever, não há fórmula; para ler, também não. Apenas uma minoria dos alunos demonstra conhecimento das normas gramaticais, capacidade de articulação linguística, consciência da estruturação da frase e conhecimento de mundo. Se o problema se restringisse às normas da gramática, seria menos grave, mas verificamos que os nossos alunos não utilizam as palavras com propriedade, não sabem se expressar com coerência, sequer têm noção da validade do que ‘estudaram’ durante os anos escolares.

Não se trata, aqui, de uma reação purista. Temos a exata noção da adaptação da língua às situações de comunicação e aos contextos, bem como dos níveis de linguagem. Falamos com propriedade, pois, há anos, lidamos com provas de redação de concursos vestibulares de várias universidades privadas, onde quem pleiteia uma vaga sequer é aluno da escola pública. Apresentaremos aqui uma pequena amostra de diversos tipos de erros de fundo e forma, atentando sempre para o problema crucial que é a falta de conhecimento, por parte dos autores dos textos analisados, do padrão da nossa língua pátria. Eles não sabem que não sabem, não transgridem, porque sequer conhecem a forma correta de

escrever. Parecem fazê-lo apenas intuitivamente. Antes, porém, refletamos sobre as possíveis interferências no efetivo aprendizado da língua portuguesa nos nossos dias.

## 1. Possíveis interferências

Durante anos, temos tentado responder a uma pergunta fundamental: o que tem comprometido de modo tão drástico a aprendizagem da língua materna? As gramáticas pouco atrativas? A falta de contato com os livros, que tão facilmente foram substituídos pelos sedutores mundos midiáticos? O despreparo da escola para lidar com essa demanda de jovens atraídos apenas pelas novas tecnologias? O avanço dos estudos linguísticos, que valorizam as variações da língua e a oralidade? A nova linguagem do mundo virtual?

São muitas reflexões a fazer. Iniciemos com a postura de Neves (2003, p.42) que critica as gramáticas, advertindo que elas se limitam a repetir paradigmas, deixando “o usuário da língua, um ser social que vive cercado de padrões, desassistido na busca de orientação sobre a norma-padrão que há de legitimar sua fala na sociedade em que atua e compete, parte para receitas simplificadas e de transferência imediata”.

Não obstante, admite que os professores, muitas vezes, equivocados com o que preceitua a linguística sobre unificação de oralidade e escrita, não mais ensinam as normas, utilizando-se da ideia de que “os padrões não se impõem ao uso, mas, pelo contrário, os usos estabelecem padrões” (NEVES, 2003 p.34). Tanto o aparecimento das investigações sobre as variações linguísticas como os estudos sobre a oralidade levaram à interpretação equivocada de que a gramática tradicional não tem mais valor. É ainda Neves (2003, p.35) quem diz: “se há uma área do conhecimento em que a Linguística tem caído no vazio é a área da disciplina gramatical, seja a considerada pela escola, seja a considerada pelo usuário da língua”. Quem, entretanto, é responsável por tal equívoco? A quem cobrar o ônus do fracasso que tem sido, nos últimos anos, o ensino da Língua portuguesa?

Se a gramática permanece repetindo paradigmas, se se tem negligenciado o ensino da norma por conta dos estudos linguísticos sobre variações e oralidade, tem-se ainda outro agravante: a simplificação da linguagem em tão grandes proporções que já criou o dialeto do mundo virtual: o “internetês”, conjunto de abreviações de sílabas e redução de palavras que leva em conta apenas a pronúncia e a eliminação de acentos. De acordo com o professor Possenti (*apud* MARCONATO, 2006), não existe risco no fato de a juventude aderir a uma linguagem simplificada nos *sites* de relacionamento da Internet: “Uma coisa é a grafia; outra, a língua. Não há linguagem nova, só técnicas de abreviação no

internetês. As soluções gráficas são até interessantes, pois a grafia cortada é a vogal. A palavra “cabeça”, por exemplo, vira “kbça”, e não “aea”. A primeira forma contém os fonemas indispensáveis ao entendimento”.

O problema é que essa forma de escrever tem rompido os limites do mundo virtual a que deveria estar restrita, invadindo a TV e até a escola. Escreve-se, naturalmente, em redações, palavras como **axo**, **naum**, **aki**, **vc**, **pq**, como se se estivesse diante da tela de um *chat* qualquer da Internet. Acredito seriamente que, aliada a todas essas questões, esteja a ausência de um acompanhamento pessoal dos pais, que, não tendo tempo para assistir os filhos, terceirizam-nos na mão de profissionais (em quem naturalmente falta a afetividade familiar) ou compensam-nos com o acesso ilimitado a PCs, vídeo-games e TV. A leitura, que é um meio fundamental de enriquecimento do vocabulário, aquisição de conhecimento de mundo e mesmo dos mecanismos gramaticais e estruturais da língua, tem sido trabalhada como uma “obrigação”, como tal, desprovida de prazer, não bastasse a falta de exemplo em casa, pois grande parte dos pais também não lê.

Antes de qualquer conclusão, vejamos quão graves são os problemas mais comuns nas redações de alunos do Ensino Médio, que pleiteiam uma vaga a cursos universitários nas Faculdades do nosso estado, às quais se restringe o nosso *corpus*.

## 2. Problemas de Sintaxe

As inobservâncias às regras gramaticais são flagrantes nas produções de textos, revelando o desconhecimento tanto do aspecto formal da língua como de suas potencialidades expressivas por parte de alunos. Seleccionamos alguns excertos retirados de redações de Concurso Vestibular de Universidades privadas de Fortaleza, no ano de 2008, e mostraremos, a partir de agora, os problemas mais comuns nesses textos, iniciando pelas transgressões à sintaxe.

### 2.1 Regência

A sintaxe de regência diz respeito à relação do verbo com o seu complemento (objeto direto e/ou indireto), no caso da regência verbal, ou do verbo com o nome (substantivo abstrato, advérbio, adjetivo) que carece de um acréscimo (complemento nominal) para que tenha o seu sentido clarificado, tal é o caso da regência nominal. Em muitos casos, a mudança da regência implica mudança semântica na frase. Na oralidade, não se percebem essas mudanças e tais regras parecem completamente desnecessárias. No registro escrito formal, entretanto, elas ainda estão em plena validade, embora os linguistas e muitos

gramáticos que seguem essa orientação já não mais considerem transgressão a inobservância da sintaxe de regência. Vejamos:

*Hoje o ser humano é patriota a ele mesmo* – a ‘complementação’ de sentido dada ao adjetivo patriota tornou a frase ilógica: ninguém é patriota a si mesmo.

*As pessoas vão nas ruas // chegar nas ruas com cartazes* – A gramática normativa diz que os verbos **ir** e **chegar** pedem a preposição **a** antes do seu complemento, quando há noção de lugar; a oralidade, entretanto, já sacralizou a preposição **em**. O texto escrito, porém, deve seguir a norma. Caso muito comum é a omissão do pronome oblíquo quando se usa um pronome relativo: *Os tipos de filmes que assistem* em vez de *Os tipos de filmes a que assistem...*

*O país que ele gosta não possui intercâmbio* em vez de *O país de que ele gosta não possui intercâmbio*

Na frase *Cuidar do país e obedecer as regras*, temos o verbo **obedecer** que é transitivo indireto e exige a preposição **a**, cuja ausência está evidenciada na omissão do sinal de crase, que raramente aparece nessas situações.

### Uso do pronome relativo

Não é bastante saber que os pronomes relativos retomam um termo anterior; é necessário que se observe a regência verbal: *O atual mundo globalizado ao qual vivemos...* Não se vive o mundo, não nesse contexto, vive-se **no mundo**, então, o certo seria: *O atual mundo globalizado no qual vivemos...* O mesmo ocorre em *Os pais devem mostrar os filhos a nação que forão criados*. Nessa situação, a ausência da preposição exigida pode até gerar ambiguidade: os pais mostram os filhos à nação? Ou mostram a nação aos filhos? Ainda: a nação é lugar, exige, portanto o pronome **onde** ou a presença da preposição **em** antes do relativo **que**. Outra confusão é a terminação do verbo ir na 3ª pessoa do plural – confundir **am** com **ão** é erro primário, sobretudo porque, no futuro do presente, a forma verbal seria **irão**, jamais **forão**, que não existe: *Os pais devem mostrar aos filhos a nação em que (onde) foram criados*. Leia-se ainda: *O oriente médio no qual é palco de espetáculos terrorísticos – o qual é palco* – ‘O Oriente Médio’ é sujeito e não adjunto adverbial.

Vejamos a frase *Uma maneira da qual podemos explicá-la é o orgulho que um cidadão sente por sua pátria* – além de o pronome relativo estar utilizado com a regência incorreta, o período está mal formulado. Pior ainda ocorre em: *Os jovens estão deixando de serem patriotas e se tornando fanáticos ao extremo, o qual são capazes de matarem uns aos outros*. Aqui, temos a inobservância no uso do infinitivo pessoal - *deixando de serem // são capazes de matarem* (nesse último exemplo, as flexões são aceitáveis por conta da distância entre os dois verbos, não constituindo, pois, um erro gramatical, mas uma questão de

estilo). Observam-se, ainda, problemas de estruturação frasal e uso incorreto do pronome relativo: Se se refere a *os jovens*, o pronome teria, obrigatoriamente, que estar no plural.

Há situações em que a presença do pronome ‘o qual’ é perfeitamente dispensável: *Prejudicam os quais podem prejudicar as pessoas* - observe-se que, neste caso, os pronomes *quem* ou *aqueles* seriam bem mais adequados.

## 2.2 Concordância

O desconhecimento das regras de concordância verbal são observáveis em muitas redações e, na maioria dos casos, isso ocorre por conta da falta de conhecimento de morfologia e sintaxe.

**a) Problemas na identificação do núcleo do sujeito:** *A falta de punição severa da justiça, afetam o patriotismo em todas as faixas etárias* - O núcleo do sujeito está no singular (falta) e o verbo está no plural. Além disso, o aluno demonstra desconhecer a regra de que não se deve separar o sujeito do predicado por uma vírgula. Note-se ainda a vaguidade de sentido que a frase apresenta.

*O acesso aos meios de comunicação aumentam o conhecimento* - O núcleo do sujeito - **acesso** - está no singular. O candidato, não o identificando, fez a concordância do verbo com **meios de comunicação**

*A mudança de todos esses atos teriam...* - A concordância foi feita com o adjunto adnominal e não com o núcleo do sujeito.

*O sentimento de engano e impunidade mancham os sentimentos dos apaixonados pelo país* - Além de equívocos semânticos, o núcleo do sujeito não foi identificado corretamente: é **sentimento** e não **engano** e **impunidade**.

*A questão do patriotismo hoje, muito pouco comentada, vêm a cada ano perdendo o interesse da população-* O verbo no plural - **vêm** - não concorda com o sujeito no singular - *A questão do patriotismo*.

*Quem tem condições financeiras, preferem ir embora* - O sujeito oracional exige o verbo no singular. Desconhecendo tal regra, o candidato, além de separá-lo do predicado com uma vírgula, decidiu fazer a concordância com **condições financeiras**, objeto direto do sujeito oracional

**b) Não identificação da voz passiva analítica:** Talvez pelo desconhecimento de predicação verbal, muitos alunos tendem a achar que todo verbo na 3ª pessoa do singular + a partícula *se* é exemplo de sujeito indeterminado. Com os verbos transitivos diretos, entretanto, tal caso não se configura: *Não se encontra muitos patriotas no Brasil // Constrói-se hospitais sem nenhuma condição de atender a demanda*

**c) Transferência da impessoalidade do verbo Haver para o verbo Existir:** Percebe-se frequentemente a transferência da impessoalidade do verbo **Haver** para o **Existir**, o que leva fatalmente a um erro de concordância. O verbo **Haver** é impessoal no sentido de existir (acontecer e, também, na indicação de tempo); já o verbo **Existir** se flexiona normalmente. Vejamos alguns exemplos: *Existe aquelas pessoas fanáticas que para elas só existe uma religião... // Apesar de existir vários obstáculos... // Não haviam mais pessoas que acreditasse no sistema de saúde público*

**d) O problema dos coletivos:** É norma da gramática que os substantivos coletivos, bem como as palavras no singular que designam vários elementos, não acompanhados de

termos restritivos no plural, devem fazer a concordância com o verbo também no singular. São erros primários, pois, construções como: *A maioria deles possuem... // A gente dissemos não a corrupção.*

**e) Sujeito posposto ao verbo:** *Segue coisas tão fútil e bestas* – Há, na nossa língua, a possibilidade de o verbo ficar no singular quando antecede um sujeito composto, o que não se justifica neste exemplo, já que “coisas”, substantivo no plural, é o núcleo do sujeito simples. Há, ainda, a falta de concordância nominal do adjetivo “fútil” que caracteriza “coisas”. O mesmo ocorre em

*Será tomadas providências* – o fato de o sujeito vir após o verbo fez com que o autor da frase cometesse o equívoco de achar que a concordância verbal não era necessária, como também acontece no exemplo: *É visível os benefícios da globalização* em que não se percebeu que o sujeito é *os benefícios da globalização*, expressão no plural.

### 2.3 Separação do sujeito/predicado – verbo/complemento

O aprendizado da análise sintática, além de possibilitar melhor capacidade de interpretação, já que o leitor compreende a relação entre os termos das orações que compõem o texto, evita erros primários de pontuação como os que ocorrem nas frases: *A falta de punição severa da justiça, afetam o patriotismo em todas as faixas etárias // O significado da palavra patriota, é o amor que temos pelo país onde vivemos... // Viva e pratique o dom, de fazer o bem. Nossas atitudes podem ser semelhantes, as de pessoas Santas como Madre Tereza. // A saúde do brasileiro está nas mãos de médicos despreparados que não cumprem, seus deveres. // Quem faz o bem, não deve se preocupar com a maldade dos outros*

### 2.4 Sujeito preposicionado

Há um desconhecimento quase geral de que, em língua portuguesa, não existe sujeito preposicionado, de modo que não se percebe a presença do verbo no

infinitivo no tipo de estrutura frasal em que se incorre na falha de preposicionar o sujeito: *Pelo fato dele ter o direito... // É hora dos pais despertarem para os filhos // Os países não se importam dos seus habitantes serem atrasados.* A contração pode ocorrer na seguinte sequência: **preposição de + artigo o, a + substantivo + infinitivo**. Ou então **de + ele/ela + infinitivo**. Isso porque, na oralidade, há uma natural contração do **de** com a vogal seguinte, ficando **da, do, dele, dela**. Entretanto, pela gramática normativa, não se deve fazer isso na escrita já que, como dissemos, não temos sujeito preposicionado.

É importante observar que a maior parte dessas construções acontece com as expressões *o/pelo fato de, apesar de, antes de, depois de, a possibilidade/o direito de.*

### 3 Ortografia

Os erros ortográficos são bastante recorrentes, denunciando a formação primária do aluno do Ensino Médio. Vejamos as amostras:

#### 3.1 Letras / sílabas tônicas / acentos

**a) Confusão entre letra e fonema:** *simplicis, cinceridade, cachueira, existe, estinsão, costumes, expreçar, inquadra, valiozo, adebto, adiquiri, atraz, vês (vez), bom censo, intereces, inesistente, Deuz, calzando, paiz, ceitas, intensionados, enchergasse, enteresse, iscola, asseitação, fixissando, adptos, finançearas, alçance, intensionados, intendido, desistimulam, enxiam, insentivo, estrangeiras, livre arbitro grande, encomodando, compreendi-se, concerteza, nescessidade, corrupsão, infeitada, câmera de veriadores.*

**b) Acréscimo / omissão de letras:** *Hainda, hakim, fraguimentos, onra, hagem, apersar (apesar), ideiais, nois, crussial, honrrada, horigem, dulvida, subjulgados, preocupados, impulseram, múltua, corrupitos, agulda, capais, escultam.*

**c) Não-identificação da sílaba tônica e desconhecimento de regras de acentuação:** *Cabivéis, imbutidos, adiquiri, tí, palavra, evidenciado, conciente, jóvens, indústria, economia, jóvens, alguém, dêsgraça, sùtil, compreender, desgráça, ênfase.*

**d) Transferência de acentos para palavras derivadas:** *adolescência – adolescêntes // importância – importânte // tecnológico - tecnologia // último – Últimamente // influência – Influênciados // ideológico – ideología // fácil – fácilmente // difícil – difícilmente // amável – amávelmente // rápido – rapidamente.*

**e) Nasalização:** *inresponsável, conzinha, governo, indentidade, intinerário.*

### 3.3 Partição silábica

Antep-assados, mestre-s, ma-is, pó-is, ade-bto, apersa-r (apesar), uni-ão, exi-stia, co-m, exe-mplo, do-s jovens, ace-itação, respe-itam, sofi-sticado, patrioti-smo, cu-ltura, Ca-rreira.

### 3.4 Uso de pronomes oblíquos/confusão com a desinência verbal

A confusão entre o ‘pronome oblíquo’ e a ‘desinência’ dos verbos é mais constante do que se imagina: ...*fizeram com que surgir-se*... nesse caso, há um engano: a desinência *sse*, marca do pretérito imperfeito do subjuntivo, foi confundida com o pronome reflexivo *se*, dando a conhecer um caso verdadeiramente improvável de colocação pronominal, mesmo considerando o verbo no infinitivo. O mesmo ocorre em *deveria haver um organismo que **pude-se** se alimentar*... No contexto, fica claro que a forma verbal deveria ser *pudesse*. Fenômeno inverso ocorreu em *Aqui **vivesse** bem*, em que se desconsiderou o pronome “se”, incorporando-o à desinência verbal. Confirmamos os casos ainda mais comuns em redações: *conversa-mos, tornar-mos, achar-mos, Soubermos*.

Como não há preocupação com a colocação pronominal na oralidade, muitos textos escritos aparecem com idêntica inobservância, até nos casos mais óbvios de próclise, quando na presença de partículas atrativas como advérbios; ou nos casos de ênclise obrigatória, como no caso de verbos no infinitivo: *Nota-se esse fato **quando observa-se** a utilização de uma marca ou produto europeu pela maior parte dos jovens // Influência que pode **o tornar**...*

Também é comum a confusão entre o pronome reto **Nós** com o oblíquo **Nos**, por menos improvável que isso pareça: *Nos nem amamos a si próprios*. Tal confusão se agrava com a mistura de pessoas e o uso incorreto do oblíquo *se*, o que também acontece em *Nós precisamos **se** interagir à sociedade // Em outros países **le** oferecem cada vez mais e melhores oportunidades*. Nesse último registro, há o total desconhecimento da grafia do pronome “lhe” e do substantivo “vez”. Existem vários registros da forma **Nois** em vez de **Nós**: *O que **nois** desejamos é um país livre de corrupção*.

### 3.5 Escrita dos verbos

Vários equívocos ocorrem, de forma insistente, na utilização dos verbos:

**a) A confusão entre letra e fonema** (i / e – ç / ss – x / ch)

*A globalização permiti...; **disfrutar**; comparandu-o; ele vivi; poçamos; dechando; abrangir; Ele **ouvi** em vez de **ouve**.*

**b) Troca do substantivo *perda* pela forma verbal do subjuntivo *perca*:**

*O pior é a **perca** da identidade de seu país...*

*Isso faz com que as pessoas **perdam** as forças para a luta*

**c) Troca do verbo “Haver” na terceira pessoa do singular (há) pela preposição A e do fonema S pelo Z:**

*À **décadas** e **séculos** **atrás**...*

**d) Troca da terminação verbal *ão* por *am* e vice-versa: *Esqueção; Gastão***

*Pensão; Os jovens **estam** ocupando-se cada vez mais no mundo virtual; A religião e os princípios da família são partes que aos poucos **estam** deixando-se de lado.*

**e) Troca do infinitivo pessoal pela 3ª pessoa do singular:** *O verdadeiro patriota **estar** sendo marginalizado // Todo patriota tem que **está** preocupado com seu país*

**f) Dupla flexão nas locuções verbais:** *As cores da bandeira **podem serem** vistas*

*Os anos **passaram a serem** // ...**Merecem serem** · Em todos os casos, o verbo principal é forma infinitiva e deve permanecer invariável. Isto porque o infinitivo agrega-se ao verbo de que depende, ou seja, tem-se, na prática, um só verbo. Apenas o auxiliar se flexiona.*

**g) Gerúndio/Particípio problemático**

*Novas culturas **estão sendo aderidas** pelos jovens – o autor da frase desconhece que verbos transitivos indiretos não vão para a voz passiva. Faltou-lhe, além do conhecimento dessa regra, bom senso para perceber que a voz passiva do verbo aderir torna a frase sem sentido.*

**h) Nada haver em vez de Nada a ver / Lhe dar – lidar**

*Ser patriota não tem **nada haver** com amar seu país - o certo seria **a ver** (preposição e verbo); desconhecendo essa construção, o aluno utilizou o verbo **haver** que tem idêntica pronúncia.*

*O brasileiro não sabe **lhe dar** com situações difíceis – o candidato não tem conhecimento da existência do verbo **lidar** e substituiu-o pelo pronome oblíquo **lhe** seguido do verbo **dar**, guiando-se pelas marcas da oralidade*

**i) Acréscimo/omissão de letras**

*Nunca **houvi** falar – confusão entre os verbos **haver** e **ouvir** – pode ter havido, neste caso, uma hipercorreção: o candidato, preocupado em não escrever o verbo haver sem o **h**, inseriu-o numa palavra de pronúncia idêntica, que não é iniciada pela mesma letra. Cometeu, pois, um erro novo ao tentar evitar um erro*

velho. O registro *idolatrá* é outro caso de interferência da oralidade na escrita. Quem não pronuncia o **r** final das palavras tende a não escrevê-lo.

### 3.6 Uso da linguagem coloquial e do ‘internetês’

As marcas da oralidade e o ‘dialeto’ criado pelos internautas em *chats* de relacionamento não se adequam à formalidade de um texto dissertativo como os exigidos em redações de vestibular, ENEM e trabalhos acadêmicos: *Imagine na política o que esses caras num fazem // Num preciso tá numa floresta // O jovem tem que tê uma boa formação ///...tava ficando difícil se comunicar. // Axo o Brasil um país pouco desenvolvido // Os policiais naum disseram nada, só levantaram a arma.// O pior é q vc tem que acreditar num país melhor...*

### 3.7 Outros casos

Há diversos outros casos de confusão entre palavras parônimas, homônimas, e as dúvidas frequentes parecem jamais ter esclarecimento, como ocorre nos excertos: *A extinção é eminente // o patriota precisa ter censo de justiça // A prefeita se esconde no passo municipal // O deputado disse que ia destituir toda a câmara // É um amor sobre pressão // O Brasil tá cheio de políticos maus intensionados // O lobo mal se transformou nos homens de hoje // Com um mundo globalizado o qual vivemos as leis devem ser compridas.*

**Por isso [porrisso], com certeza [concerteza], de repente [derrepente] e a partir [apartir ou à partir], em torno [entorno]** são locuções escritas permanentemente, nos textos analisados, como uma palavra só. Não há, para a maioria deles, nenhuma diferença entre **ao encontro de/de encontro a; ao invés de/em vez de; mas/mais; sob/sobre; despercebido/desapercebido; mal/mau**. Em grande parte das redações, percebe-se a utilização do advérbio **mais** em lugar da conjunção adversativa **mas**, o que me parece inadmissível no texto de um aluno que concluiu o Ensino Médio.

A virgulação é outro problema crônico, o qual não comentaremos aqui, haja vista a complexidade da análise, que exigiria um artigo à parte.

## 4 Problemas na articulação de ideais: coesão e coerência

Os problemas de forma implicam, muitas vezes, problemas de conteúdo, mas, o que mais se tem observado nas redações é a escassez de conhecimento de mundo, a colocação de ideias equivocadas, a inabilidade para a estruturação frasal e, conseqüentemente, as deficiências nítidas de raciocínio lógico. A falta de informações sobre o tema e a inabilidade para formular períodos

levam a construções muitas vezes ambíguas, com impropriedade vocabular, redundâncias e, não raro, quebra de paralelismo sintático e semântico. Essas deficiências levam, geralmente, à formulação de enunciados incoerentes, em que não se percebe unidade. Ocorre, assim, a desarmonia, desfazendo, pois, uma qualidade indispensável para qualquer tipo de texto: a coerência, que, como assinala Fiorin & Platão (1990 p.261), consiste “em um conjunto harmônico, em que todas as partes se encaixam de maneira complementar de modo que não haja nada destoante, nada ilógico, nada contraditório, nada desconexo”.

O pouco conhecimento do léxico, a ineficiente compreensão de enunciados, em muitas situações, decorrentes da falta de leitura qualitativa, geram certo descuido no ato de escrever e falar, tornando possível formulações de pensamento como as que leremos abaixo, todas na tentativa de definir ‘patriotismo’:

- O patriotismo de hoje não é nada mais que a participação de pessoas a um nível mais reduzido chamado tribo, onde pequenos grupos partilham na maioria um ideal pela carencia de uma sociedade que só defende a um individuo a si mesmo.
- O patriotismo é belo e formoso quando se sabe fazê-lo.
- Patriotismo é uma maneira clara de expressar seus sentimentos a algo que você tanto gosta e quer demonstrar a todos a importância de seus sentimentos a ela.
- Patriotas são pessoas centradas, pois até com a globalização os países não mudam.
- O patriotismo é consequência da globalização.
- Patriotismo foi uma moda antiga, deveria voltar as tendências.
- *Antigamente, ser patriota era um pensamento herdado de pai para filho - declaração equivocada: ninguém herda pensamento.*
- *Deveríamos ser mais patriotas com nossos interesses, opiniões e até mesmo com as pessoas, entidades e objetivos.* - quebra de paralelismo semântico.
- *Ser patriota é sair pelas ruas cantando e dançando músicas que hoje fazem grande sucesso como “Creu” e “Bonde do Tigrão” - declaração equivocada.*
- A respeito do termo “Patriotismo” a um mundo de relações

diferentes sobre o tema, por exemplo um japonês que tem uma cultura patriota do nascer ao morrer... (falta de continuidade lógica).

- *Assim como os Chineses, Alemães, Norte Americanos e outros países desenvolvidos que tem essa cultura de patriotismo bem deprimida* - Confusão entre a palavra ‘reprimida’ e ‘deprimida’. Além disso, as palavras *Chineses, Alemães, Norte Americanos* denotam nacionalidade, não nome de países como supõe a continuidade da frase.

Muitas frases, além de apresentarem deficiências quanto ao aspecto formal do discurso, veiculam informações contraditórias ou evasivas; algumas, inclusive, com relações semânticas inusitadas.

- *A palavra patriota descende de pai* – palavras não ‘descendem’, ‘originam-se’ de outras. Note-se a confusão feita entre patriota (derivado de pátria) e patriarca (derivado de pai). Além da impropriedade vocabular, há o total desconhecimento da etimologia das palavras.
- *O jovem que sofre o problema da globalização e das contradições do dia-a-dia, observa vários casos de patriotismo como o desrespeito a pessoas idosas, o sentimento de orgulhosidade, sentindo-se melhor do que outras pessoas* – o autor da frase declara um absurdo: ***desrespeito a pessoas idosas, o sentimento de orgulhosidade*** são exemplos de patriotismo.
- *A elevação de conceitos religiosos à níveis de nação, proporciona sangrentos e violentos conflitos* – frase mal formulada, com erros de forma evidente, e evasiva, mesmo dentro do contexto geral da redação.
- *A teoria de génesis explica que Deus criou o homem à sua imagem e semelhança.* - O Gênesis é um livro da Bíblia Sagrada, não uma teoria.
- *A felicidade, esse adjetivo de ligação...* – “Felicidade” é um substantivo, não um adjetivo. Existem verbos de ligação, não há adjetivos de ligação. Falta de conhecimento evidente das classes gramaticais da língua portuguesa.
- *Existe preconceito com o que é do Brasil e esse preconceito se estende dos cremes para os cabelos até o nosso cinema, preferem os importados, mesmo que ele tenham o preço alto* – Período mal estruturado. O pronome demonstrativo ‘esse’ só faria sentido se o tipo de ‘preconceito’ já tivesse sido comentado. Observe-se a quebra

de paralelismo semântico na definição do tipo de preconceito (dos cremes de cabelo ao cinema) e o problema de ortografia do verbo ‘estende’ que está grafado ‘extende’). Ainda: qual é o sujeito do verbo preferem? A que termo(s) se refere o pronome ‘ele’?

- *Essas mudanças atingiram como o patriotismo é visto para jovens...* - as mudanças atingiram o patriotismo e não ‘como o patriotismo é visto’.
- *Patriota é um tema em desuso para grande parte dos jovens* - talvez ele tenha pensado em dizer que os jovens de hoje não são patriotas, mas o que ele focou tacitamente foi o desuso do ‘tema Patriota’.
- *Nota-se esse fato quando observa-se a utilização de uma marca ou produto europeu pela maior parte dos jovens ou ainda pelo “status” que este produto confere* – quebra de paralelismo sintático e semântico.
- *Os jovens mostram-se interligados com o país de origem* – impropriedade no uso do adjetivo ‘interligados’.
- *Desde meados das grandes navegações...* - meados de algum século, não ‘das grandes navegações’.
- *Somos um povo sofrido nacionalmente e internacionalmente* – total impropriedade na utilização dos advérbios, além do eco.
- *O direito do voto é obrigatório* – o voto é obrigatório, não o direito.
- *Queremos honrar pelo cargo tão importante de patriotismo, pois a maioria são desonestos demais* – a regência do verbo honrar está incorreta, mas esse não é o problema maior, quando se percebe que o autor da frase percebe ‘patriotismo’ como um ‘cargo’.
- *Terão [os jovens] que dialogar com todas as outras culturas e assim sendo inteiramente fiel e honrado por todos* – problemas de construção e impropriedade que resultaram numa incoerência: o autor da frase quis dizer, supomos, que “os jovens que estiverem abertos a outras culturas serão respeitados por todos”.
- *A globalização é fator preponderante para que o jovem se habilite à vivência de uma cosmovisão aperfeiçoada* – frase de puro ‘palavreado’, fala muito e pouco diz: o que é a *vivência de uma cosmovisão aperfeiçoada*? Note-se a impropriedade do verbo ‘habilite’ (em vez de habitue).
- *As famílias devem, desde criança, educar e ensinar a cada um o verdadeiro sentido de ser patriota* – a má estruturação gerou a ambiguidade: as famílias, desde criança, devem educar... ou as

famílias devem educar os filhos desde a época em que eles eram crianças?

- *Domingo era dia de ir à praia na casa de seu Franzé* – o adjunto adverbial de lugar está gerando ambiguidade: as pessoas da casa do seu Franzé têm o hábito de ir à praia aos domingos ou a praia fica na casa dele? Melhor seria refazer o enunciado, retirando o adjunto adverbial.
- *O problema da saúde pública é a falta de leitos e semileitos* – informação imprecisa: os hospitais possuem leitos. Ônibus é que se divide em categorias pelo conforto.
- *Paulo dava as instruções e Arnaldo escutando-as* - quebra de paralelismo sintático
- *Não falei em tom de crítica, mas admirando-a* - quebra de paralelismo sintático
- *Daqui pra frente, deveria ser acrescentado o patriotismo à cultura brasileira* – impropriedade na aplicação da palavra cultura.
- *Não é alegável ser um jovem patriota quando se foi uma criança patriota* – frase completamente ilógica
- *Precisamos melhorar os assaltos* - incoerência, contradição semântica.
- *O patriotismo, no século XXI, é algo muito difícil de se observar, uma vez que após várias ditaduras e repressões violentas, que ocorreram pelo mundo, nossos jovens estão assustados, acarretando uma falta de interesse pelo País* - Veja-se o uso do gerúndio: o que realmente acarreta a falta de interesse pelo país? Os jovens? O fato de eles estarem assustados? As ditaduras e repressões violentas?

As redundâncias também comprometem o conteúdo de um texto, muitas vezes perdido em circunlóquios, repetindo ideias e palavras que não dão informação nova, ao contrário, deixam-no desprovido de progressão: *O significado de patriotismo, atualmente, perdeu o significado original* (a palavra perdeu o significado original e não o ‘significado perdeu o significado’); *Nos países da Europa onde a influência lá foi bem maior* (dois marcadores de lugar: onde e lá); *Por causa de heranças hereditárias...*(expressão tautológica: não existe herança que não seja hereditária); *Manter a ordem em organizações provocando desunião* (a palavra ‘organização’ já pressupõe o sentido de ‘ordem’; observe-se, ainda, a contradição: manter a ordem provocando a desunião); *Há alguns anos atrás...* (o verbo haver, indicando tempo, já denota tempo transcorrido, tornando, portanto, dispensável o advérbio ‘atrás’); *Pois*

*hoje, no mundo atual.../ O patriotismo hoje no país em que vivemos nos dias atuais não encontramos mais* (nas duas situações, há uma repetição na referência ao tempo, que não pode ser explicada por nenhuma intenção de expressividade: *hoje* e *atual* são termos permutáveis no contexto). Leia-se ainda: *A absorção de culturas externas com que absorvam-se.*

Na oração *Vivemos num país de diversas raças e cores* há, também, uma redundância: diversidade de raça pode pressupor já diversidade de cor. Ou, se se desconsiderar a redundância, não se escapa da quebra de paralelismo (*diversidade de raças e cores...* [cores de quê?]).

Outro fator que implica incoerência textual é a impropriedade vocabular, ou seja, a aplicação de uma palavra em um contexto ao qual não está adequada. Isso pode ocorrer em decorrência de vício da oralidade, como é o caso do verbo ‘ter’ em lugar de ‘haver’ ou ‘existir’, já aceito por muitos linguistas e incorporado à linguagem falada e à escrita: *Mais tem aquele tipo mais tranquilo... que defende seu patriotismo calmo // Tem dias que agente acorda...*

O emprego dos vocábulos exatos e apropriados ao contexto é uma condição imprescindível para qualquer texto que se pretenda lógico e denomina-se Propriedade. De acordo com Monteiro (2005), os modernos estudos da Linguística Textual deram nova dimensão ao termo, inserindo-o no requisito essencial que é a coerência. Seja como for, o que se observa, na maior parte das redações consultadas, é a falta de habilidade dos autores para a adequação dos sinônimos, a confusão entre palavras homônimas, parônimas, ou apenas de sonoridade parecida. O desconhecimento do léxico da nossa língua é, não há dúvida, a razão determinante desse tipo de problema na escrita.

Tal ocorre, com mais gravidade, com palavras simples, do dia-a-dia que, aparentemente, não oferecem qualquer dificuldade ao entendimento do seu sentido e da adequação dele:

- *A impunidade desencadeia vários fatores, como a corrupção, a lavagem de dinheiro o desinteresse pelo estado. Na medida em que nossos governantes percebem que, por mais que isso aconteça ninguém se manifesta contra, eles ficam livre para praticar qualquer um dos tais fatores - corrupção, lavagem de dinheiro e desinteresse pelo estado não são fatores.*
- *Este fenômeno é perceptivo na adoção do feriado dos dias das bruxas - perceptível*
- *Jovens do mundo inteiro se vêem íntimos com a globalização - sabem o que significa*
- *Muitas vezes vislumbrados com novas tecnologias – deslumbrados.*

- *A sociedade precisa ter mais **carisma** pelo país...* - carinho/amor
- *A juventude **opina** por novidades internacionais* - opta
- *Muitos apresentam ser **fanáticas*** - aparentam
- *O patriotismo foi muito **frequente** antigamente* - as pessoas eram mais patriotas antigamente.
- *Com o passar do tempo, o patriotismo vem perdendo muito seus **adjetivos*** - características.
- *Ouvir jovens defendendo o seu país é praticamente **inesistente*** - impossível
- *Devemos aceitar as **demasiadas** religiões* - muitas
- *Assim como os Chineses, Alemães, Norte Americanos e outros países desenvolvidos que tem essa **cultura** de patriotismo bem **deprimida*** - definida? / reprimida?

Vejam, por fim, os casos mais comuns de impropriedade vocabular, inclusive, no discurso jornalístico e acadêmico:

#### a) Uso inadequado do pronome relativo **onde**

A palavra **onde** pode ser pronome relativo ou advérbio (interrogativo de lugar: **onde** moras?) não pode ser utilizada arbitrariamente para substituir **que**, **quando**, **cujo**, **no qual**.

Como pronome relativo, **onde** se refere a um substantivo antecedente de **lugar**: *O país onde vivo é maravilhoso*. Não necessariamente exige-se a noção de lugar físico, mas o que se entende por lugar ou a extensão do seu significado, que pode ser: espaço ocupado, povoação, localidade, região, posição, situação, classe, categoria, ordem, trecho ou passagem de um livro, de uma obra. A dúvida pode existir quando se trata de domínios não geográficos, como: decreto, lei, capítulo, cargo, partido, agremiação, esfera de ação, instituição etc.

Embora se elasteça essa noção de lugar, o pronome **onde** não deve aparecer em outras acepções, como por exemplo: *Ufanismo é um tipo de patriotismo exagerado, onde se cria aversão a qualquer tipo de estrangeirismo, seja uma pessoa estrangeira ou um simples produto importado*.

São constantes as inadequações no que se refere ao uso dessa palavra, como se constata: *...**Conflitos religiosos onde** homens bombas suicidam-se em ambientes públicos // O patriotismo no século XXI é tão comum, quanto antigamente, principalmente **no meio dos jovens onde** a era da globalização está solta e puxando todos para o seu redor // Este **sentimento** pode ser fantástico, **onde** as pessoas defendem sua pátria / **Patriotismo é uma antiga ideologia onde**, as pessoas amam o seu país // **Um patriotismo onde** não se*

*requer violência // ser patriota é fazer parte de um grupo religioso ou torcer para um determinado **time de futebol, onde** todas as pessoas têm um mesmo pensamento // **Copas do Mundo onde** os estádios ficam lotados // Os jovens não costumam ter esse sentimento patriótico por conta do cotidiano **onde** eles estão vivendo*

Dos exemplos citados, somente três poderiam ter a substituição pelo “em que”, o que torna ‘aceitável’ tal emprego: *principalmente no meio dos jovens onde... // time de futebol, onde... // Copas do Mundo onde...*

**Onde**, portanto, pressupõe o **lugar onde**, o **lugar em que**. Observe-se que todo **onde** equivale a **em que**, mas nem todo **em que** equivale a **onde**. O desconhecimento dessas informações básicas acarreta o seu uso constante em qualquer situação, mesmo quando só é possível usar **em que** (ou no qual, na qual, nos quais, nas quais depois de vírgula) por conta de regência verbal ou nominal. Constitui, portanto, um erro, o emprego do pronome relativo **onde** com antecedente de tempo, sendo mais apropriado o uso de **quando** ou **em que**. Confirmamos algumas amostras de inadequação: *Nos dias de hoje, **onde** o capitalismo reina... // O patriotismo já foi mais significativo em séculos anteriores, **onde** pessoas se mutilavam por motivos de ofensas // É difícil para o jovem conseguir ser patriota nos dias atuais **onde** a maioria das mercadorias, alimentos e ideias é estrangeira [note-se, aqui, a drástica concordância] // Estamos no século XXI **onde** tudo foi terceirizado // Nos termos de hoje **onde** tudo é moderno...* Todas essas noções são de tempo (**quando**) não de espaço (**onde**).

Mesmo que se considere que, à semelhança do pronome relativo **quem**, a palavra **onde** pode aparecer também com emprego absoluto, ou seja, seu antecedente pode estar latente, não expresso, mesmo que se perceba que o antecedente, explícito ou implícito, é um lugar ou a própria palavra lugar; em algumas situações, também se deve evitar o uso de **onde** em substituição da palavra **lugar**, de forma substantivada, com a eliminação total da regência verbal, como nos mostram as orações: *Defendiam mais onde nasceu ou moravam // Devemos amar onde vivemos*

**b) O mesmo como elemento referencial** - A utilização de **o mesmo** como elemento referencial, ou seja, no lugar de nomes e pronomes, não é considerado erro gramatical, mas revela ‘pobreza’ de estilo. A palavra **mesmo**, de acordo com o contexto, aparece em diferentes classes gramaticais e seu emprego é correto nas seguintes situações:

- Como adjetivo/pronome, com o sentido de **exato, idêntico, tal qual, próprio, em pessoa**: *Sou a mesma pessoa que conhecesse naquela baile.*

- Como advérbio, com o significado de **justamente, até, ainda, realmente**: *Há mesmo formas melhores de abordar o tema?*
- Como conjunção concessiva, equivalente a **embora, apesar de**: *Mesmo doente, ele compareceu à audiência.*
- Como substantivo (expressão invariável, no masculino), significando a **mesma coisa**: Devagar e divagar não têm o mesmo significado.

Embora com toda essa versatilidade de uso, a palavra **mesmo** aparece constantemente como elemento de referência a termos já citados, como se lê: *Ser patriota é cantar o hino quando o mesmo é tocado // Cuidar do país e obedecer as regras do mesmo // Somente a opinião dos mesmos são válidas // Os jovens estabelecem relações com outros países, observando os hábitos e a cultura dos mesmos.* Nos quatro exemplos, poder-se-ia perfeitamente ter-se usado um dos pronomes pessoais retos, que são termos imprescindíveis à coesão referencial. A substituição deles pela palavra **o mesmo** demonstra ‘pobreza’ de linguagem e/ou falta de conhecimento quanto aos pronomes pessoais. É, como dissemos, mais uma questão de estilo do que de gramaticalidade, porém, recomenda-se evitar construções em que **o mesmo** apareça como elemento de coesão referencial.

**c) Texto exortativo** – A redação dissertativa requer exposição de ideias, sobre as quais se tenha conhecimento, e, por vezes, defesa de ponto de vista e argumentação. É absolutamente fora de contexto o discurso exortativo, como se o narrador fosse um pastor em pregação: *Sejamos todos os patriotas! // Você tem que amar seu país. // Você deve acreditar no seu país e ser patriota // Vamos fazer campanha para melhorar a saúde pública no Brasil.*

## Considerações finais

Depois de constatadas tantas deficiências no que concerne ao uso da língua portuguesa, resta-nos voltar a questionar as causas para, em seguida, tentar propor formas de erradicar ou, pelo menos, minimizar o problema, cuja profundidade é bem maior do que a que se imagina a princípio.

Mesmo com esse nível de escrita, com essa incapacidade, em muitos casos, de formular um pensamento coerente, grande parte desses estudantes está ingressando nas universidades brasileiras, haja vista a baixa concorrência derivada do número expressivo de instituições de ensino superior que proliferaram nos últimos anos. Assistindo às aulas, elaborando trabalhos e adquirindo notas, certamente, concluirão o curso e, posteriormente, ingressarão no mercado de trabalho.

Ainda que se considere que o mercado exerça a lei de seleção natural: quem é bom se encaixa; quem não é fica à margem, de alguma maneira, por qualquer outro mérito, essas pessoas ocupam um espaço e exercem a profissão, até por que, na maioria das vezes, não serão professores de português. Estarão sempre, entretanto, com limitações, dificuldade de expressar o pensamento.

Consultando tabelas de resultados do ENEM, exame cujo principal objetivo é avaliar o desempenho do aluno após a educação básica, tem-se uma noção do despreparo do aluno que conclui o Ensino Médio e, evidentemente, pleiteará uma vaga em cursos de nível superior. Negar essa realidade é uma forma de omissão histórica. É Soares (2003) quem diz que “imaginar que possamos conquistar o desenvolvimento sem preparar adequadamente nossos jovens para um mundo em que a informação, em todas as áreas do conhecimento humano, será um diferencial decisivo para delimitar o grau de independência e competitividade dos países, empresas, instituições e, sobretudo, do indivíduo. Não basta tecnologia de ponta, redução de custos, programas de qualidade e produtividade”. Todos sabemos disso, mas o que se tem feito objetivamente?

Não creio que a crise decorra apenas do avanço galopante das tecnologias midiáticas, da simplificação aviltante da linguagem virtual ou do esquematismo das gramáticas normativas, mas de todos esses fatores aliados à falta de um trabalho efetivo das escolas no sentido de recuperar o prazer pela leitura e dinamizar o ensino da gramática, não como um conjunto de regras a serem memorizadas e ‘vomitadas’ numa prova, mas como uma ferramenta de comunicação oral e escrita, que será necessária em todos os setores e em todas as circunstâncias da vida. É preciso que se entenda que a língua portuguesa não interessa apenas a professores de português, mas a todas as profissões; ela é a base de todas as outras áreas. Claro que todas as práticas discursivas devem ter lugar na escola, mas não se deve, por nenhum motivo, prescindir do “bom exercício da língua escrita e da norma-padrão” (NEVES, 2003, p.94), que o aluno não encontrará fora dela.

Em relação ao equívoco de que tenho falado sobre a postura de muitos linguistas que aceitam qualquer forma de discurso como padrão, levando, algumas vezes, os alunos a incorporarem os traços da oralidade em textos escritos, Neves (2003 p.95), defensora da valorização dos usos é lúcida ao dizer: “a variação está a serviço da linguagem, e, por isso mesmo, a língua padrão, como qualquer modalidade, não pode ser ignorada, e, além disso, por suas especificidades e funções sociais, tem de ser cultivada nas instâncias apropriadas”. O ensino da gramática normativa é, pois, ainda, imprescindível.

Todo esse quadro de despreparo se agrava com a falta de um acompanhamento sistemático da família à vida escolar dos filhos, com a falta de administração do tempo dos jovens em *chats*, *blogs* e *orkut*, pois, como adverte Martins (1990), “o aprendizado da escrita depende da memória visual: muita gente escreve uma palavra quando quer lembrar sua grafia. Se bombardeados por diferentes grafias, muitos jovens ainda em formação tenderão à dúvida”. O *internetês* é um conjunto de jargões que reproduzem a liberdade da fala na escrita, com vocabulário e construções gramaticais próprios, que, diga-se, fogem expressivamente do padrão da língua. Esses textos apresentam uma linguagem telegráfica, com o mínimo de caracteres, emitindo, portanto, mensagens curtas e rápidas ao receptor que pode, sem problema, conversar com várias pessoas ao mesmo tempo. Daí, diz ainda Martins (1990), “as abreviações não serem etimológicas (**pneumático** vira **pneu**, mas mantém o radical **pneu** = ar), e sim fonéticas (**aki** = **aqui**)”.

Não podemos reduzir a catastrófica situação em que se encontra a assimilação do português padrão, entretanto, a um só fator. A negligência, se se pode usar esse termo, está generalizada: pais omissos, esperando que a escola dê conta da educação de seus filhos; escolas despreparadas para uma juventude dinâmica que pede limite, mas não aceita as velhas imposições da tradição; professores, em muitos casos, equivocados quanto às formas de discurso... enquanto isso, o mundo virtual avança, engole e deglute, a seu modo, um jovem despreparado para perceber que língua é, acima de tudo, adequação e bom senso; que, para transgredi-la, tem-se, antes, que conhecê-la.

## Referências

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 1990.

MARCONATO, Sílvia. *A revolução do internetês*. *Revista da Língua Portuguesa*, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://revistalingua.uol.com.br/textos.asp?codigo=11061>>. Acesso em: 23 jan. 2009

MARTINS, Eduardo (Org.). *Manual de redação e estilo*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1990.

MONTEIRO, José Lemos. *A estilística*. Petrópolis: Vozes, 2005.

NEVES, Maria Helena de Moura Neves. *Que gramática estudar na escola? Norma e uso na língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2003.

SOARES, Wander. Quem não lê não escreve. 2003. Disponível em: <<http://www.abrelivros.org.br/abrelivros/texto.asp?id=276>>. Acesso em: 20 fev. 2009